

CAPÍTULO 1

“Por favor, diga o seu nome completo.”

“Armand Gamache.”

“E dirige a Sûreté du Québec?”

“Sou o Superintendente-Chefe, *oui*.”

De costas bem direitas contra a madeira, Gamache estava sentado na cadeira do tribunal. Estava calor. Na realidade, esta manhã de julho estava sufocante. Sentia a transpiração a escorrer-lhe do lábio superior e ainda só eram dez horas. Só agora estava a começar.

O banco das testemunhas não era o seu lugar preferido neste mundo. E testemunhar contra outro ser humano também não era a sua atividade preferida. Ao longo da carreira só em muito poucas ocasiões retirara disso satisfação, até mesmo prazer, e esta não era uma delas.

Sentado desconfortavelmente na cadeira dura, sob juramento, Armand Gamache admitiu para si próprio que, embora acreditasse na lei e tivesse passado toda a sua carreira a trabalhar com o sistema judicial, na verdade, era perante a sua consciência que respondia.

E ela estava a revelar-se uma juíza severa.

“Creio que também foi quem procedeu à detenção.”

“Exatamente.”

“É fora do comum que o Superintendente-Chefe efetue de facto detenções?”

“Só ocupo esta posição há pouco tempo, como sabe. Para mim tudo é fora do comum. Mas era difícil não intervir neste caso em particular.”

O Procurador-Chefe da Coroa sorriu. Como estava de costas para o resto do tribunal e das pessoas, mais ninguém viu. Exceto talvez a Juíza, que não deixava escapar nada.

E o que a Juíza Corriveau viu não lhe pareceu um sorriso muito agradável. Na verdade, parecia mais um esgar de desdém. O que a sur-

preendeu, dado que o Procurador-Chefe e o Superintendente-Chefe estavam aparentemente do mesmo lado.

No entanto, ela sabia que isso não queria dizer que tivessem de gostar um do outro ou de se respeitar mutuamente. Ela tinha colegas por quem não sentia respeito, mas achava que nunca teria olhado para eles com aquela expressão.

Enquanto ela os examinava, Gamache estivera a examiná-la a ela. A tentar percebê-la.

O juiz a quem calhava um determinado caso — essa era uma questão vital. Podia influenciar o resultado. E isso nunca fora mais decisivo do que no presente caso. Não se tratava apenas da interpretação da lei, mas da atmosfera que se respirava na sala de audiências. Que nível de rigor — ou que margem de manobra — iria haver?

Seria um juiz perspicaz? A caminho da reforma? À espera de que chegasse a hora de ir beber um copo? Ou, ocasionalmente, a não aguentar a espera?

Mas esta juíza não.

Maureen Corriveau era juíza há pouco tempo. Gamache sabia que este era o seu primeiro caso de homicídio. Sentiu compaixão por ela. Não podia fazer a mínima ideia do que lhe calhara em sorte. De que um sem-número de dissabores estava prestes a cair-lhe em cima.

Era uma mulher de meia-idade e estava a deixar crescer os cabelos brancos sem os pintar. Talvez como um sinal de autoridade ou de maturidade. Ou porque já não tinha necessidade de causar boa impressão. Fora uma poderosa advogada, sócia de uma firma de advogados de Montreal. Tivera cabelo louro. Antes de ascender a outro posto. Antes de dar o salto para a presidência de um tribunal — curiosamente, a expressão que se usaria para quando um páraquedista se lança no vazio.

A Juíza Corriveau também olhou para ele. Tinha olhos perspicazes. Inteligentes. Mas Gamache perguntava-se quanto ela estaria efetivamente a ver. E quanto lhe estaria efetivamente a escapar.

A Juíza Corriveau parecia estar à vontade. Mas isso não queria dizer nada. Era provável que ele também parecesse estar à vontade.

Lançou um olhar para a apinhada sala de audiências no Palais de Justice na Velha Montreal. A maior parte dos que ali poderiam estar tinha decidido ficar em casa. Algumas, como Myrna, Clara e Reine-Marie, seriam chamadas como testemunhas e não queriam comparecer até ser absolutamente necessário. Outros dos habitantes da aldeia — Olivier, Gabri, Ruth — pura e simplesmente não queriam deixar Three Pines e fazer todo o percurso até à cidade sufocante para reviver aquela tragédia.

Mas o braço-direito de Gamache, Jean-Guy Beauvoir, estava lá, bem como a Inspetora-Chefe Isabelle Lacoste. A chefe da brigada de homicídios.

Em breve chegaria a vez de eles testemunharem. Ou talvez nunca se chegasse a isso, pensou ele.

Olhou de novo para o Procurador, Barry Zalmanowitz. Mas nesse relance o seu olhar cruzou-se com o da Juíza Corriveau. Foi com mortificação que a viu inclinar a cabeça, muito ligeiramente. E contrair os olhos, muito ligeiramente.

Que teria ela visto nos olhos dele? Teria aquela juíza novata detetado o que ele mais tentava ocultar? O que estava desesperado por ocultar?

Se sim, ele sabia que iria ser mal interpretado. Ela iria presumir que ele estava preocupado com a culpa de quem estava no banco dos réus.

Mas Armand Gamache não tinha dúvidas a esse respeito. Sabia perfeitamente quem cometera o homicídio. Só tinha algum receio de que alguma coisa corresse mal. E de que alguém particularmente astuto pudesse matar e ficar em liberdade.

Viu o Procurador da Coroa a encaminhar-se de modo deliberado para a sua secretária, pôr os óculos e com cuidado, podia até dizer-se com algum dramatismo, ler um papel.

Provavelmente não tinha nada lá escrito, pensou Gamache. Ou tinha uma lista de compras. Era quase certo que não passava de um adereço. Uma cortina de fumo. Um estilhaço de espelho.

Os julgamentos, tal como as missas, estavam cheios de teatralidade. Quase conseguia sentir o cheiro a incenso e ouvir o tilintar de uma sineta pequenina.

Os membros do júri, que o calor ainda não fizera esmorecer, seguiam todos os movimentos do hábil procurador. Como se esperava. Mas ele não desempenhava o papel principal neste drama. Esse papel cabia a alguém que permanecia nos bastidores, alguém que quase de certeza não iria sequer pronunciar uma palavra.

O Procurador-Chefe tirou os óculos e Gamache ouviu o roçar da beca de seda da Juíza quando ela reagiu com mal disfarçada impaciência. O júri podia ser enganado, mas não esta Juíza. E os membros do júri também não se deixariam enganar por muito tempo. Eram demasiado espertos.

“Tanto quanto sei, esta pessoa confessou tudo, não é verdade?”, perguntou o Procurador, olhando por cima dos óculos numa atitude de professor que não surtia efeito no chefe da Sûreté.

“Sim, houve uma confissão.”

“Durante um interrogatório, Superintendente-Chefe?”

Gamache reparou que ele repetia o seu posto, como se alguém com um estatuto tão elevado não pudesse de forma alguma cometer um erro.

“Não. A pessoa veio a minha casa e confessou. De livre vontade.”

“Protesto.” O advogado de defesa pôs-se de pé, com um certo atraso, pensou Gamache. “É irrelevante. Nunca houve uma confissão de homicídio.”

“É verdade. A confissão a que me refiro não foi relativa ao homicídio”, disse o Procurador. “Mas contribuiu de forma direta para a acusação, não é verdade, Superintendente-Chefe?”

Gamache olhou para a Juíza Corriveau. Esperava que ela se pronunciasse sobre o protesto.

Ela hesitou.

“Indeferido”, disse ela. “Pode responder.”

“Foi uma confissão de livre vontade”, disse Gamache. “E sim, a confissão foi decisiva para fundamentar a acusação naquele momento.”

“Ficou surpreendido por esta pessoa ir a sua casa?”

“Meritíssima”, disse o advogado de defesa, voltando a pôr-se de pé. “Protesto. É subjetivo e irrelevante. Que importância poderá ter saber-mos se o Monsieur Gamache ficou ou não surpreendido?”

“Deferido.” A Juíza Corriveau voltou-se para Gamache. “Não responda a esta pergunta.”

Gamache não tinha qualquer intenção de responder. A Juíza tivera razão em indeferir. Era subjetivo. Mas não lhe parecia que fosse completamente irrelevante.

Se tinha ficado surpreendido?

É certo que, quando vira quem estava à porta da sua casa naquela pequena aldeia do Quebeque, ficara surpreendido. De início, fora difícil distinguir quem ali estava, debaixo daquele casaco pesado e de capuz sobre a cabeça. Homem ou mulher? Novo, velho? Gamache ainda conseguia ouvir as pedras de gelo a bater contra a sua casa, depois de a dura chuva de novembro se ter transformado em granizo.

Mesmo com o calor de julho, sentia um arrepio só de pensar nisso.

Sim. Tinha sido uma surpresa. Não estava à espera da visita.

Quanto ao que acontecera depois, a palavra surpresa pecava por defeito.

“Não quero que o meu primeiro caso de homicídio vá parar a um tribunal de recurso”, disse a Juíza Corriveau em voz baixa, de modo que apenas Gamache a pudesse ouvir.

“Parece-me que é demasiado tarde para isso, Meritíssima. Este caso começou num tribunal superior e vai acabar lá.”

A Juíza Corriveau mudou de posição na cadeira, tentando voltar a encontrar uma posição confortável. Mas alguma coisa havia mudado. Naquela estranha e privada troca de palavras.

Ela estava habituada a palavras, crípticas ou não. Fora o que vira no olhar dele que a confundira. E perguntou a si própria se ele saberia que aquilo lá estava.

Embora a Juíza Corriveau não conseguisse de facto dizer o que vira, sabia muito bem que o Superintendente-Chefe da Sûreté não devia ter aquele olhar. Enquanto estava sentado no banco das testemunhas. Num julgamento por homicídio.

Maureen Corriveau não conhecia de todo Armand Gamache. Só a sua reputação. Ao longo dos anos tinham-se cruzado muitas vezes nos corredores do Palais de Justice.

Preparara-se para não gostar dele. Um caçador de outros seres humanos. Um homem que ganhava a vida com a morte. Não a infligi-la, claro, mas a lucrar com ela.

Sem homicídios não havia Gamache.

Lembrava-se de um encontro casual, quando ele ainda era chefe da brigada de homicídios da Sûreté e ela ainda era advogada de defesa. Tinha-se cruzado no átrio e, mais uma vez, ela tinha captado o seu olhar. Perspicaz, vivo, pensativo. Mas, mais uma vez, tinha captado nele qualquer outra coisa.

E depois ele passou, inclinando ligeiramente a cabeça para ouvir quem o acompanhava. Um homem mais novo que ela sabia ser o seu braço-direito. Um homem que estava agora presente na sala de audiências.

Um aroma muito subtil a sândalo e rosa tinha perdurado. Quase impercetível.

Maureen Corriveau fora para casa e contara à sua mulher o que se passara.

“Segui-o e fui-me sentar por alguns minutos a assistir ao julgamento para o ouvir testemunhar.”

“Porquê?”

“Tinha curiosidade. Nunca tive de o enfrentar, mas pensei que se tivesse era melhor preparar-me e fazer os trabalhos de casa. E tinha algum tempo de sobra.”

“E então? Como se portou ele? Espera, deixa-me adivinhar.” Joan empurrou a ponta do nariz para o lado e disse: “Pois, o sacana despa-